

# Inteligência senciente e liturgia

## Sentient intelligence and liturgy

Valeriano dos Santos Costa\*

**Resumo:** Muitas vezes se constata que certas celebrações litúrgicas pendem para o sentimentalismo ou para o racionalismo. Isso revela um grave problema, que é reflexo da ruptura entre o sentir e o inteligir, como se fossem duas faculdades numericamente distintas. A retificação desta distorção vem com a *inteligência senciente*, de Xavier Zubiri, que revolucionou a epistemologia atual, mostrando que a separação entre sentir e inteligir constitui um erro grave, pois “inteligir é um modo de sentir, e sentir é, no homem, um modo de inteligir”.<sup>1</sup> A *inteligência senciente* trouxe uma luz para a liturgia, na medida em que a unidade entre sentir e inteligir em todas as modalidades da apreensão da realidade (apreensão primordial, *logos* e razão) exigem a inteireza tanto celebração como no aprofundamento da fé.

**Palavras-chave:** Liturgia; Sentir; Inteligir; Realidade; Inteligência senciente.

**Abstract:** Many times one realizes that certain liturgical celebrations lean towards sentimentalism or rationalism. This reveals a serious problem, which is a reflex of the rupture between to feel and to intelligize, as if they were two numerically distinct faculties. The rectification of this distortion comes with Xavier Zubiri's ‘sencient’ intelligence, which has revolutionized current epistemology, sho-

---

\* Valeriano dos Santos Costa, Doutor em sagrada Liturgia pelo Pontifício Instituto Litúrgico Sant’Anselmo, Roma, Professor do Programa de Pós-Graduação em Teologia, PUC-SP, natural de Bom Conselho, PE, e-mail: pvaleriano@uol.com.br

<sup>1</sup> ZUBIRI. Xavier. *Inteligência e realidade*. São Paulo: É Realizações, 2011, Prólogo Iiv.

wing that the separation between to feel and to understand constitutes a serious error, as “to understand is a way of feeling, and to feel is, in man, a way of understanding”. ‘Sencient’ intelligence has brought light into liturgy, in the measure in which the unity between feeling and understanding, in all the modalities of apprehension of reality (primordial apprehension, Logos and reason) demands wholeness not only in celebration but also in the deepening of faith.

**Keywords:** Liturgy; Feel; Intelligise; Reality; ‘Sencient’ intelligence.

## Introdução

A reforma litúrgica do Concílio Vaticano II projetou uma luz sobre a *ars celebrandi* da Igreja e reconheceu seu lugar entre as ciências. Porém, desde o iluminismo, movimento intelectual do século XVIII, que se caracterizou pelo centralismo da ciência e da racionalidade, se acirrou a desconfiança das emoções, que brotam dos sentidos e que pejorativamente é comum chamar de sentimentalismo. Por isso a chamada Filosofia das Luzes ou Século “das Luzes” colocou em um domínio escuro o sentimento humano. Como conseqüência, os ventos iluministas projetaram uma hermenêutica racionalista da reforma litúrgica que inverteu a ordem natural da mistagogia: primeiro celebrar, depois explicar. Então era preciso explicar para celebrar, como se isso levasse à participação de fato, desconhecendo que a liturgia é fundamentalmente ação simbólica. Se o eixo da participação litúrgica fosse a explicação, então os ritos e símbolos estariam equiparados às coisas comuns, as quais abrangem o sentido prático da existência no dia a dia. Aí os raciocínios são usados de forma, às vezes, exaustiva. Por isso o sentir foi colocado em suspeita e as explicações inflacionaram o culto, gerando muitos discursos durante a celebração, como se o sentir estivesse separado do inteligir, o que é totalmente falso, pois “o sentir humano é um sentir intelectivo, é radicalmente impressão de

realidade, é algo dado ‘fisicamente’”.<sup>2</sup> Esta citação é a tese de Xavier Zubiri, considerado “um hipercrítico, um revolucionário em filosofia, um educador para a liberdade crítica do pensamento”.<sup>3</sup> Portanto não se pode imaginar que em qualquer apreensão de realidade, enquanto ato elementar da Inteligência,<sup>4</sup> não haja unidade entre sentimento e intelecção. É preciso frisar também que sentir e entender não são uma espécie de adição, pois “não há sentir ‘e’ entender, mas tão somente intelecção senciente, intelecção impressiva do real enquanto real”.<sup>5</sup> Zubiri afirma que

nunca há no homem oposição entre entender e sentir, mas uma unidade estrutural: entender e sentir são somente dois momentos de um único ato: o ato de apreender impressivamente a realidade. É a *inteligência senciente*, cujo ato é impressão de realidade.<sup>6</sup>

Sobre o “divórcio” entre sentimento e intelecção Zubiri diz:

Ao longo de toda a história, a filosofia tratou muito detidamente dos atos de intelecção (conceber, julgar, etc.), em contraposição aos diferentes dados reais que os sentidos nos fornecem. Uma coisa, diz-se-nos, é sentir, outra é entender. Esse enfoque do problema da inteligência contém, no fundo, uma afirmação: entender é posterior a sentir, e essa posteridade é uma oposição. Foi a tese inicial da filosofia desde Parmênides, que veio gravitando imperturbavelmente, com mil variantes, em torno de toda a filosofia europeia.<sup>7</sup>

<sup>2</sup> ZUBIRI, Xavier. *Inteligência e logos*. São Paulo: É Realizações, 2011, p. 25

<sup>3</sup> ELLACURIA, Ignacio. Uma abordagem da filosofia de Zubiri. SECRETAN, Philibert (org.). *Introdução ao pensamento de Zubiri (1898-1983: Por uma filosofia da realidade*. São Paulo: É realizações, 2014, p. 35.

<sup>4</sup> Cf. ZUBIRI. Xavier. *Inteligência e realidade*. São Paulo: É Realizações, 2011, p. 51

<sup>5</sup> ZUBIRI. Xavier. *Inteligência e logos*. São Paulo: É Realizações, 2011, p.26.

<sup>6</sup> Ibidem, p. 33,

<sup>7</sup> ZUBIRI. Xavier. *Inteligência e realidade*. São Paulo: É Realizações, 2011, Prólogo Iiii

## 1. Os modos de apreensão em Zubiri

Antes de falarmos dos modos de apreensão de realidade em Zubiri, é bom notar como alguns autores veem Zubiri. Ellacuria afirma que Zubiri é um revolucionário em filosofia, que, por meio da expressão *inteligência senciente*, apontou e corrigiu um dos erros mais profundos que gravitou em toda a filosofia europeia. Sobre isso ele afirma:

Zubiri acabou desenvolvendo uma filosofia não só diferente, mas radicalmente nova, a partir do que se pode compreender como uma crítica radical de toda a filosofia anterior; e ele teve êxito em colocar todos os problemas em outro plano, para terminar com uma nova visão de realidade.<sup>8</sup>

Zubiri trabalha com o conceito de modalização. Para ele são três os modos com que a apreensão da realidade se dá aos nossos sentimentos e inteligência: a apreensão primordial, a apreensão dual (logos) e a apreensão mundanal (razão). Não significa que o logos e a razão sejam sucedâneos; são posteriores porque fundamentados imprescindivelmente na apreensão primordial de realidade. Isso não quer dizer que os três modos de apreensão não possam ser simultâneos, porque há uma abertura que não os deixa ser estanques. O importante é que não há logos e nem razão que não sejam embasados na apreensão primordial de realidade.

## 2. A apreensão primordial de realidade

Caponigri afirma que “em toda situação o homem se orienta para a realidade”.<sup>9</sup> Afirma outro autor: “A pessoa busca na realidade, assim, seu fundamento e – está bem claro – o de todas as outras coisas

---

<sup>8</sup> Ibidem

<sup>9</sup> CAPONIGRI, A. Robert. A propósito de sobre a essência: o realismo de Xavier Zubiri. SECRETAN, Philibert (org.). *Introdução ao pensamento de Zubiri (1898-1983)*: Por uma filosofia da realidade. São Paulo: É realizações, 2014, p. 54.

reais”.<sup>10</sup> Por isso “uma das primeiras questões que se colocaram a Zubiri foi o acesso primeiro e fundamental do homem à realidade. Ele responde a esta questão por meio da teoria da inteligência senciente”.<sup>11</sup> Uma das coisas mais importantes na abordagem da realidade é que, para Zubiri “o problema da realidade é um problema aberto e nunca se pode dizer que esteja fechado e concluído”.<sup>12</sup>

Como vimos, a apreensão m da realidade comporta três modos, sendo o primeiro e fundamental a apreensão primordial de realidade. Esta apreensão é aquela que acontece quando as coisas reais se dão aos nossos sentidos e à nossa inteligência. É simplesmente um dado que se faz presente para ser apreendido, por meio de impressão de realidade. Zubiri diz que essa impressão sente a realidade como nua formalidade.<sup>13</sup> Se os sentidos sentem, então podemos falar em sentimentos que eles geram. É um momento desprovido da ação do pensamento, pois a compreensão que aí se dá é natural e consiste em uma atualização primordial do que apreendemos na formalidade de realidade. Assim podemos dizer que o realismo radical da condição da inteligência humana é o princípio básico da metafísica zubiriana.<sup>14</sup> A apreensão primordial de realidade não implica ainda nenhum juízo, mas apenas a captação das coisas reais que se dão aos sentidos e à inteligência. É muito importante guardar essa noção. Ferraz Fayos afirma que se trata de “um ato de apreensão, de captação de alguma coisa, sem que essas apreensões não impliquem nenhum juízo sobre

---

<sup>10</sup> PINTOR-RAMOS, Antonio. Uma filosofia da religião cristã. Philibert (org.). *Introdução ao pensamento de Zubiri (1898-1983: Por uma filosofia da realidade*. São Paulo: É realizações, 2014, p. 95.

<sup>11</sup> CAPONIGRI, A. Robert. A propósito de sobre a essência: o realismo de Xavier Zubiri. SECRETAN, Philibert (org.). *Introdução ao pensamento de Zubiri (1898-1983: Por uma filosofia da realidade*. São Paulo: É realizações, 2014, p. 60.

<sup>12</sup> TEIXEIRA, João Antônio Pinheiro. *A finitude do infinito: o itinerário teológico do homem em Xavier Zubiri*. Lisboa: Universidade Católica, 2007, p. 113

<sup>13</sup> ZUBIRI, Xavier. *Inteligência e razão*. São Paulo: É realizações, 67

<sup>14</sup> Cf. CAPONIGRI, A. Robert. A propósito de sobre a essência: o realismo de Xavier Zubiri. SECRETAN, Philibert (org.). *Introdução ao pensamento de Zubiri (1898-1983: Por uma filosofia da realidade*. São Paulo: É realizações, 2014, p. 62.

a situação ou sobre a existência do que é apreendido. A apreensão não é uma teoria. É um fato”.<sup>15</sup>

Como vimos, a apreensão de realidade é momento fundante para a apreensão dual e a apreensão mundanal, que são apreensões ulteriores. Ulteriores não porque são numericamente distintas, mas porque toda realidade apreendida sencientemente “está aberta em si mesma e desde si mesma a outras coisas reais ou sensíveis na mesma impressão de realidade. Ou seja, a abertura determina uma excedência respectiva, um campo de realidade”<sup>16</sup> e continua ainda aberta para a compreensão do que a coisa é como simples realidade (razão). É como uma coreografia plástica em que tudo parte da realidade, permanece na realidade, embora se distancie sem sair dela, e termina na realidade de maneira ainda mais profunda.

Segundo a inteligência senciente, no ser humano não ocorre oposição entre sentir e inteligir. Considerando que a apreensão primordial da realidade não é o momento do pensamento, mas da apreensão por meio da impressão do que se nos apresenta aos sentidos e à inteligência, podemos equiparar a celebração da fé, enquanto ato litúrgico, à apreensão de realidade, que parte e se funda na apreensão primordial de realidade. Esse modo nos retém e remete ao logos, e este à razão, modalidades ulteriores de apreensão de realidade. Celebrar é, pois, um processo de apreensão de realidade, que, como foi dito, se baseia na apreensão primordial e nos remete ao logos, enquanto movimento, e à razão enquanto marcha em busca da presença de Deus, que nos quer por inteiros. Em Deus somos retidos e lançados nas profundezas do seu amor, pois “nele nos movemos e existimos”, como disse Paulo no Areópago de Atenas, lembrando um axioma estoico. Sendo de natureza ritual, a liturgia não pode ser um momento primordial

---

<sup>15</sup> FERRAZ FAYOS, Antônio. A trilogia sobre a inteligência. SECRETAN, Philibert (org.). *Introdução ao pensamento de Zubiri (1898-1983: Por uma filosofia da realidade*. São Paulo: É realizações, 2014, p. 66.

<sup>16</sup> ZUBIRI, Xavier. *Inteligência e razão*. São Paulo: É realizações, p. 10

de reflexão ou estudo. Não se vai à liturgia da Igreja para se estudar, mas para simplesmente acatar a presença da Trindade, que se nos apresenta por meio dos ritos e preces. A compreensão deste dado é fundamental para a que a liturgia não seja desfigurada. Quando de sai de uma ação litúrgica com uma impressão negativa, pode-se dizer que a realidade apresentada não foi uma autêntica liturgia, mas uma liturgia desfigurada.

Segundo Zubiri, toda apreensão de realidade por meio da impressão é uma *atualização*. Portanto não há celebração litúrgica, enquanto autêntica impressão de realidade que repita a celebração anterior, mesmo que os ritos ou até as leituras sejam iguais, pois toda impressão é atual, ou seja, já nasce na atualidade para ser atualizada. É importante frisar que qualquer celebração litúrgica sempre será uma apreensão primordial de realidade, por meio de impressão de realidade e está sempre aberta ao logos e à razão, por sua própria estrutura de abertura transcendental. Por isso a liturgia deve ser munida das condições que levam a impressões atrativas. O importante é insistir que celebrar é ato fundado em apreensão primordial de realidade e não, em si, ato afirmativo do pensamento, ou momento declarativo do que apreendemos primordialmente. Isso é tarefa do pensamento e pode acontecer durante a liturgia, como veremos adiante, enquanto remissão, isto é, uma vez retidos na realidade litúrgica primordial, os celebrantes são remetidos ao logos e à razão. Celebrar é um momento delicado no qual se encaixa o conhecimento poético e religioso, considerando que “a religião é uma exigência última de transcendentalidade”.<sup>17</sup>

---

<sup>17</sup> PINTOR-RAMOS, Antonio. Uma filosofia da religião cristã. Philibert (org.). *Introdução ao pensamento de Zubiri (1898-1983: Por uma filosofia da realidade*. São Paulo: É realizações, 2014, p. 80.

### 3. A apreensão dual da realidade – o *logos*

Toda apreensão é atualização. Mas o que é apreensão em *logos*? Como diz Tejada, em seu prefácio à *Inteligência e Logos*, “o *logos* não seria como na lógica convencional ‘outra atualização cronológica’, mas sim uma ‘extensão’ de sua primordial atualização. Ele é pois uma re-atualização”.<sup>18</sup> É algo natural que o bebê faz à medida que se desenvolve: “ele aprende a identificar as coisas em seu ambiente, aprende a designá-las e por fim aprende a falar e a se comunicar com as outras pessoas verbalmente”.<sup>19</sup> Desta forma, o adulto apreende primordialmente a realidade e, ao mesmo tempo, apreende campalmente o que a realidade é entre outras. Entre outras coisas porque se encontram referidas ao que Zubiri chama de *campo de realidade*, que é determinado pela própria realidade. Ferraz Fayos pensa que Zubiri tomou esta expressão – *campo de realidade* – da Física, em que as coisas têm seu campo magnético, que a própria coisa determina. Da mesma forma a realidade, apreendida primordialmente, abre um campo a partir da própria realidade, e porque há campo, há coisas nele abarcadas. Assim as notas de cada coisa real são assumidas diante das outras coisas que o campo abarca. Porém a expressão *campo de realidade*, em Zubiri, tem alcance muito mais amplo, mostrando a abertura das coisas reais em um ambiente, no qual elas são na realidade:

*Campo de realidade* é uma expressão que designa um dado primário da experiência: a saber, que as coisas reais se abrem a outras em um ambiente no qual elas são na realidade. Tal é o sentido próprio desta expressão quando se trata da inteligência como *logos*.<sup>20</sup>

<sup>18</sup> TEJADA, José Fernández. Prólogo. ZUBIRI, Xavier. *Inteligência e logos*, X.

<sup>19</sup> FOWLER, Thomas. Translator’s Introduction. In *Senciens Intelligence*. Washington DC: The Xavier Zubiri Foundation of North America, 1999, p. xiv, citado por TEJADA, José Fernández. Prólogo. ZUBIRI, Xavier. *Inteligência e logos*, X

<sup>20</sup> FERRAZ FAYOS, Antônio. A trilogia sobre a inteligência. SECRETAN, Philibert (org.). *Introdução ao pensamento de Zubiri (1898-1983: Por uma filosofia da realidade*. São Paulo: É realizações, 2014, p. 66.

Tudo o que apreendemos na impressão primordial de realidade determina o campo das coisas apreendidas. As coisas do campo de realidade são, de certa, forma móveis, dependendo do plano em que as colocamos. “Primeiro plano, fundo e periferia são a tripla dimensão, por assim dizer do campo”.<sup>21</sup> No primeiro plano estão as coisas diretamente apreendidas, e se essa coisa for uma só, está deliberadamente no centro, como uma espécie de “única coisa necessária” (cf. Lc 10,41). O fundo são as coisas referidas ao primeiro plano; “a periferia é a área do indefinido, seja porque não está determinada, em si mesma, seja porque ainda que esteja determinada pode passar despercebida por mim”.<sup>22</sup> Há ainda o *horizonte*, que pertence intrinsecamente ao campo, dando-lhe uma característica de totalidade que chamamos de *panorama*. Mas “o horizonte é que marca aquilo que fica fora do campo”.<sup>23</sup> Então a apreensão primordial e o logos interagem, dando-nos as primeiras condições de afirmar alguma coisa Assim o campo é algo “já dado na apreensão primordial de realidade de todas as coisas”.<sup>24</sup> Não estamos, portanto, falando de outra atualização cronológica, mas de uma extensão que acontece concomitantemente à atualização primordial.

Falando em apreensão dual, que se faz entre as coisas que estão no campo de realidade, é importante considerar que “não se entende o que uma coisa é em realidade senão referido-a a outra coisa campal”.<sup>25</sup> É importante o que o autor determina por campo de realidade: “O campo não é uma espécie de pélago em que as coisas reais estão submersas; não é primariamente algo que abarca as coisas reais, mas é algo que cada coisa real, por sua própria realidade, abre desde si mesma [...]. De modo que, ainda que não houvesse uma só coisa, esta

---

<sup>21</sup> ZUBIRI, Xavier. *Inteligência e logos*, p. 12.

<sup>22</sup> *Ibidem*, p. 12.

<sup>23</sup> *Ibidem*, p. 13.

<sup>24</sup> ZUBIRI, Xavier. *Inteligência e logos*, p. 11.

<sup>25</sup> *Ibidem*, p. 31

coisa já abriria o campo”.<sup>26</sup> Portanto o campo de realidade não tem característica espacial, mas consiste numa abertura natural de cada coisa para além de si mesma. Isto é o que Zubiri chama de excedência. E todas essas coisas apreendidas sencientemente como realidade se movem no campo de realidade. Então o campo é uma espécie de excedência, fruto da abertura da própria da coisa real para aprofundar o que a coisa é mesmo em realidade.

A apreensão primordial da realidade nos obriga a pensar, criando um movimento de tomada de distância da coisa real em questão, sem sair, de forma alguma, da realidade. “Somente quando a inteligência senciente entende em distância é que temos o movimento”.<sup>27</sup> É que a apreensão primordial de realidade remete ao momento em que a coisa que apreendemos determina o campo de realidade, no qual as coisas são apreendidas entre outras.

Como diz Zubiri, “*as coisas dão que pensar*” (grifo do autor).<sup>28</sup> Isso ocorre “não somente porque o real se dá na inteligência, mas dá que pensar”.<sup>29</sup> Portanto a apreensão primordial da realidade não é o momento do pensar, mas é o que dá que pensar. E justamente dá que pensar, porque, como já foi dito, obriga a pensar. É o que Zubiri chama de força da imposição do real, “que é justamente o estar possuído pelo sentido”.<sup>30</sup> Portanto há uma inteligência primária para que haja pensamento. “O pensar, pois, não é algo primário; é consecutivo à inteligência primária. O primário, a até cronologicamente primeiro, é a inteligência”.<sup>31</sup> Não podemos esquecer de que se trata de uma inteligência senciente, da qual brota o pensamento: “O pensamento, poder-se-ia dizer, procede das coisas reais, pelo ‘ter de pensar’ o que

---

<sup>26</sup> ZUBIRI, Xavier. *Inteligência e razão*, p. 11.

<sup>27</sup> ZUBIRI, Xavier. *Inteligência e logos*, p. 88.

<sup>28</sup> Zubiri, *Inteligência e razão*, p. 24.

<sup>29</sup> *Ibidem*.

<sup>30</sup> *Ibidem*, p. 70.

<sup>31</sup> *Ibidem*.

estas nos ‘dão’. É o ponto radical que pode ter conduzido ao erro da espontaneidade”.<sup>32</sup>

E aqui também, ou seja, no movimento do pensar, a unidade entre sentir e inteligir continua estruturalmente garantida, porque o que pensamos também é o que sentimos. Tomamos distância para sentir e inteligir mais o que a coisa é em realidade. Isso para os que estudam liturgia é de suma importância, pois não podemos supor um estudo frio, puramente intelectual de uma realidade tão viva como é a celebração da fé. O distanciamento do pensamento “não o um distanciamento no âmbito do espaço, mas no âmbito da realidade”.<sup>33</sup> Significa que não se sai nunca da realidade, que é fundamentalmente apreendida em impressão de realidade. Daí então que chegamos ao que os gregos chamam de *logos*, o qual constitui a essência mesma da afirmação.<sup>34</sup> Portanto afirmar algo sobre algo não é o momento primordial da apreensão da realidade, mas é um ato ulterior embasado na apreensão primordial.

Em sua estrutura, “o logos diz algo acerca de algo”.<sup>35</sup> É nessa dualidade que o logos se move (dinamicidade) para poder declarar o que algo é em realidade. Zubiri chama de apreensão *dual*, porque se apreende uma coisa a partir de outra. Porém não se trata de duplicidade nem de composição de apreensões primordiais,<sup>36</sup> mas de uma dualidade muito mais simples e decisiva que busca inteligir o que uma coisa já apreendida primordialmente é em realidade. É por isso que não se sai da realidade, pois nela já se está instalado inexoravelmente.

O dinamismo da apreensão dual parte da coisa já apreendida em apreensão primordial. “Esta apreensão como ponto de partida é

---

<sup>32</sup> Ibidem, p. 25

<sup>33</sup> ZUBIRI. Xavier. *Inteligência e logos*. p. 35

<sup>34</sup> Cf. ibidem, p. 36.

<sup>35</sup> Ibidem.

<sup>36</sup> Cf. ibidem, p. 39.

uma apreensão em que já ‘estamos’ no real”.<sup>37</sup> Ficamos retidos no real, pela força de imposição do próprio real.<sup>38</sup> Ficamos retidos no real para ir a mais realidade ou estamos “movendo na própria realidade que nos retém e nos remete”.<sup>39</sup> Retém porque dela não saímos; remete-nos porque ela nos lança em sua dimensão de abertura para o campo, e o campo, por sua vez, remete para o mundo. É a abertura fundamental da realidade para mais realidade.

Em nossa questão a apreensão primordial da realidade é a base para o liturgista poder declarar o que a liturgia é em realidade, por meio do distanciamento exercido pelo ato de pensar. Assim podemos dizer que é impossível que um estudioso da liturgia não seja alguém de profunda experiência da realidade celebrativa, que necessariamente começa com a apreensão primordial por meio da impressão de realidade, pois “a apreensão dual consiste em algo assim como apreender a realidade da coisa à luz da realidade de outra coisa, anteriormente apreendida”.<sup>40</sup> Portanto se não tiver o *feedback* de uma prática litúrgica coerente, o liturgista não pode ser um estudioso eficiente. Não se pode falar daquilo que não se sente, e não se pode sentir se não houver apreensão de realidade. Por isso mesmo o teólogo, diferentemente de um cientista da religião, é alguém que conhece o domínio da fé. Estudar liturgia não é fria inteligência. É por isso que o pensamento de Xavier Zubiri trouxe uma luz tanto para a celebração como para o estudo da liturgia. Há ainda outro modo ulterior com o qual chegamos à dimensão mais profunda da realidade.

#### 4. A apreensão mundanal da realidade – razão

Como vimos, a apreensão primordial da realidade dá que pensar. Por sua excedência as coisas apreendidas abrem o campo. E há o

---

<sup>37</sup> Ibidem, p. 42

<sup>38</sup> Cf. ibidem, p. 43

<sup>39</sup> Ibidem, p. 41.

<sup>40</sup> Ibidem, p. 40.

movimento de distanciamento para se apreender o que as coisas são em realidade. Porém o pensamento não pára aí. Há outro aspecto, o da realidade pura e simples. “Este aspecto segundo o qual cada coisa da realidade abre a área da realidade pura e simples é o que constitui o mundo”.<sup>41</sup> Vimos que se houvesse uma só coisa real, esta abriria o campo de realidade. Na verdade no campo há muito mais de uma coisa real. Porém adverte Zubiri que “o mundo não é o conjunto de todas as coisas reais (*isto seria o cosmo*), nem é o que o vocábulo significa quando se diz que cada um de nós vive no seu mundo, mas é o mero caráter de realidade pura e simples”.<sup>42</sup> “O mundo é a unidade de todas as coisas reais em seu caráter de pura e simples realidade”.<sup>43</sup> A apreensão de realidade no movimento declarativo do logos é um movimento entre as coisas. Nesse sentido o estudo da liturgia não pode ignorar outras realidades que compõem o campo de realidade, porque a liturgia é uma realidade entre outras apreendidas e abertas para o campo. Como diz Zubiri, “não se entende o que uma coisa é em realidade senão referindo-a a outra coisa campal”.<sup>44</sup> Porém o pensamento se lança ainda na aventura da busca do saber o que a liturgia é enquanto realidade pura e simples. Segundo Zubiri, quando chegamos nesse ponto, nos colocamos em *marcha* para o desconhecido ou até para o vazio.<sup>45</sup> É uma marcha desde algo real apreendido primordialmente como real e do que esse real é na realidade. É justamente na riqueza intelectual de este real é que a marcha se põe. Em outras palavras, não é do nada que a marcha acontece. “Vai-se das coisas reais e do seu campo para o mundo: é a marcha”.<sup>46</sup> “Não é possibilidade oca, mas possibilidade realmente qualificada

---

<sup>41</sup> Zubiri, Xavier, *inteligência e razão*, p. 10.

<sup>42</sup> *Ibidem*, p. 10-11.

<sup>43</sup> *Ibidem*, p. 11.

<sup>44</sup> Zubiri, Xavier, *inteligência e logos*, p. 31.

<sup>45</sup> Cf. Zubiri, Xavier, *inteligência e razão*, p. 12.

<sup>46</sup> *Ibidem*, p. 13.

enquanto possibilidade”.<sup>47</sup> Agora não se trata mais de conhecer o que uma coisa é em realidade, mas de descobrir a sua *mensura* enquanto realidade pura e simples. É uma marcha, de certa forma, natural, pois é determinada pela riqueza da inteligência das coisas em sua abertura campal. Portanto não é opcional ir ou não à razão, mas é como um lançamento, em que “a realidade previamente inteligida no campo nos lança para a realidade profunda”.<sup>48</sup> Agora se leva ao mundo da pura e simples realidade. Por isso diz Zubiri: “marcha é abrir-se para a insondável riqueza e problematicidade da realidade. Não em suas notas próprias, mas também em sua formas e modos de realidade”.<sup>49</sup> Enquanto modo de inteligência, “atividade pensante não é mero pensar, mas algo diferente: é razão. A razão é o caráter intelectual do pensar”.<sup>50</sup> Agora se trata de “mergulhar na realidade mesma do real”<sup>51</sup> É um mergulhar “para dentro” do real, indo ao *fundo* das coisas reais,<sup>52</sup> em busca de uma “inteligência *mensurante do real em profundidade*”.<sup>53</sup> Por isso “a razão é antes de tudo a direção de uma busca em profundidade”.<sup>54</sup> Só assim se chega aos problemas reais, pois “os problemas não são forjados, mas são descobertos, são encontrados”.<sup>55</sup> Não há como negar que se trata de um processo que não pode deter-se enquanto não se chega ao fundamento da coisa. “Na marcha intelectual as coisas começam por dar o que pensar e terminam por dar razão”.<sup>56</sup>

---

<sup>47</sup> Ibidem, p.112.

<sup>48</sup> Ibidem, p. 113.

<sup>49</sup> Ibidem, p. 15.

<sup>50</sup> Ibidem, p.17.

<sup>51</sup> Ibidem, p. 21.

<sup>52</sup> Cf. ibidem, p. 30.

<sup>53</sup> Ibidem, p. 32.

<sup>54</sup> Ibidem, p. 46.

<sup>55</sup> Ibidem, p. 48.

<sup>56</sup> Ibidem, p. 53.

É bom lembrar ainda que se trata de uma inteligência senciente. “Sem intelectão senciente não há nem pode haver conhecimento”.<sup>57</sup> Então chegamos aos três modos ou formas de impressão da realidade: “na primordial impressão de realidade, a inteligência sente a realidade com nua formalidade; na afirmação, a inteligência sente a impressão de realidade como meio de intelectão do real; na razão, a inteligência sente a impressão de realidade para além do campo”.<sup>58</sup> Trata-se, portanto, de

uma inteligência estruturalmente una com o sentir. A inteligência humana sente a realidade. Não uma inteligência que começa por conceber e julgar o sentido. A filosofia contrapôs sentir e inteligir fixando-se somente no conteúdo de certos atos. Mas escorregou na formalidade. E aqui é que inteligir e sentir não só não se opõem, mas apesar de sua essencial irredutibilidade, constituem uma só estrutura, uma mesma estrutura, que, segundo o ângulo por que se olhe, devemos chamar de inteligência senciente ou sentir intelectual. Graças a isso o homem fica inamissivelmente retido na e pela realidade.<sup>59</sup>

Até agora tentamos mostramos o que é inteligência senciente, de Zubiri, e com algumas pinceladas, tentamos comentar como a liturgia é uma apreensão de realidade nas três modalidades proposta por Zubiri. Acreditamos que isso possa ajudar a hermenêutica pós-conciliar, que ainda se debate sobre a questão do lugar do sentimento na celebração da fé. Questão que à luz da inteligência senciente não tem sentido. A questão foi criada devido aos milênios de uma filosofia que foi separando e até opondo o sentir e o inteligir como duas faculdades numericamente distintas. A filosofia clássica e medieval e mesmo moderna seguiram esta linha, como afirma Gracia:

---

<sup>57</sup> Ibidem, p. 128.

<sup>58</sup> Ibidem, p. 67.

<sup>59</sup> Zubiri, Xavier, *inteligência e razão*, p. 282.

Toda a filosofia, de Parmênides a Descartes, repousa sobre uma interpretação unilateral, há muito tempo discutida. Ela parte da ideia de que nossos sentidos nos comunicam o aspecto exterior e modificável das coisas, e que só a razão é capaz de atravessar o acidental e atingir o essencial. Esta interpretação conduz a uma teoria de caráter metafísico, que é oposto ao que ensina a experiência.<sup>60</sup>

De fato é uma questão muito mais intelectual, pois o senso comum nunca fez essa separação. O homem não racionalista sempre foi o bastante inteligente para saber que celebrar é sentir, e sentir é entender. Trata-se de um erro realmente grave, com as mais variadas conseqüências para a cultura. Mas a cultura não é agora o objeto da nossa discussão. Agora vamos nos deter na questão da celebração da fé como apreensão de realidade, que se embasa na apreensão primordial de realidade, que pela própria imposição do real nos lança impreterivelmente ao logos e à razão, conforme o pensamento zubiriano.

## 5. A celebração como momento de apreensão de realidade

A vida é feita de coisas comuns e de coisas que são separadas para constituírem os momentos especiais que dão sentido ao todo da existência. As coisas comuns, de um teor predominantemente prático, utilizam o raciocínio com muita intensidade. Por isso constituem momentos muito cansativos. Por sua índole toda celebração está naturalmente incluída nos momentos especialmente povoados de sentimentos. Não devem ser cansativos. A celebração litúrgica, ainda mais pelo seu caráter religioso e sagrado, se encaixa nos momentos especiais da vida. Esses momentos, quantitativamente, não ocupam a maior parte do tempo, mas, qualitativamente, são os que mais

---

<sup>60</sup> GRACIA, Diego. Zubiri (1898-1983). SECRETAN, Philibert (org.). *Introdução ao pensamento de Zubiri (1898-1983): Por uma filosofia da realidade*. São Paulo: É realizações, 2014, p. 23.

incidem na vida da pessoa. É nesse sentido que podemos afirmar que “a religião transforma integralmente o homem”.<sup>61</sup> O âmbito religioso e, sobretudo litúrgico, é o lugar para se sentir e inteligir a presença de Deus. É ai que se dá o encontro com o Transcendente.

O encontro com Deus na liturgia precisa munir-se de elementos sacramentais que proporcionem uma apreensão de realidade, fruto de uma impressão de realidade que retenha a pessoa e a remeta ao Transcendente.<sup>62</sup> Para alguém ficar retido, é necessário ser atraído, o que poeticamente se pode compreender como estado de “encantamento”. Dentre os elementos sacramentais que retêm no âmbito da liturgia e nos remetem ao Transcendente, destacamos os quatro seguintes: a beleza, a ordem, o amor divino e o êxtase, que consideramos como notas essenciais da liturgia.<sup>63</sup>

## 6. A beleza

Como diz Pastro, “a beleza é o ser mesmo de Deus”.<sup>64</sup> Ou como diz Navone, “as coisas são belas porque seu criador é a beleza em si”.<sup>65</sup> Por isso a beleza que aparece na liturgia é o prolongamento dos gestos de Cristo,<sup>66</sup> suprema beleza, que se fez carne e habitou entre nós. Sem a beleza não há como apreender algo que nos coloque em estado de encantamento. Um texto do Magistério fala com muita propriedade sobre a beleza em sua dimensão de transcendência:

---

<sup>61</sup> PINTOR-RAMOS, Antonio. Uma filosofia da religião cristã. Philibert (org.). *Introdução ao pensamento de Zubiri (1898-1983: Por uma filosofia da realidade*. São Paulo: É realizações, 2014, p. 15.

<sup>62</sup> Cf. ZUBIRI, Xavier. *Inteligência e logos*. p. 41.

<sup>63</sup> Este tema é estudado em COSTA, Valeriano Santos. *Noções teológicas de liturgia*. São Paulo: Ave Maria, 2012.

<sup>64</sup> PASTRO, Claudio. *O Deus da beleza: a educação por meio da beleza*. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 43.

<sup>65</sup> NAVONE, John. *Em busca de uma teologia da beleza*. São Paulo: Paulus. 1999. p. 22.

<sup>66</sup> Cf. *ibidem*, p. 6.

Contemplada com espírito sincero, a beleza fala diretamente ao coração, eleva interiormente do espanto ao maravilhamento, da admiração à gravidade, da felicidade à contemplação. Por isso cria um terreno fértil para a escuta e o diálogo com o homem para envolvê-lo interiormente, mente e oração, inteligência e razão, capacidade criativa e imaginação. Ela, de fato, dificilmente nos deixa indiferentes: suscita emoções, move um dinamismo de profunda transformação interior que gera alegria, sentimento de plenitude, desejo de participar gratuitamente dessa mesma beleza, de apropriar-se dela, interiorizando-a e inserindo-a na própria existência concreta.<sup>67</sup>

Ao olharmos o texto em sua primeira impressão, vemos claramente a unidade entre sentir e inteligir que a beleza realiza na contemplação do belo. Enquanto impressão primordial de realidade, a beleza fala ao coração, causando o espanto que leva ao maravilhamento, mas que atinge a inteligência e razão. Portanto o ato de contemplação promovido pela beleza engloba o homem na plenitude da impressão de realidade (impressão primordial, logos e razão) e na inteireza do ser. Ao mesmo tempo em que é atraído pelos sinais preñhes de beleza, percebe que no seu campo de realidade não há nada mais belo do aquilo e nos remete para além do campo, isto é, para o mundo da simples e pura realidade.

A beleza que toca os corações e gera alegria, dando um sentimento de plenitude, supõe a capacidade humana de alegria como uma espécie de impressão primordial de realidade. É algo parecido, conforme Paulo VI, com a alegria cristã, que só pode ser verdadeira quando está fundada na base de uma alegria natural: “*Laetitia christiana postulat, ut homo capaz sit ad gaudia naturalia capienda*”.<sup>68</sup> *A alegria cristã supõe um homem capaz de alegrias naturais.* É

---

<sup>67</sup> ASSEMBLEIA PLENÁRIA DOS BISPOS. *Via pulchritudinis* – o caminho da beleza: caminho privilegiado de evangelização e de diálogo. São Paulo: Loyola, 2006, p. 24.

<sup>68</sup> PAULO VI. Exortação apostólica A alegria cristã, n. 11, in *Tutti i principali documenti Latino-italiano*. Vaticano: Libreria Editrice, 2002.

justamente nessa alegria natural que a alegria sobrenatural fica suas raízes. Claro que se trata de uma aproximação com o pensamento de Zubiri, mas tem fundamento, pois a alegria do cristão é antes de tudo, uma alegria humana. A apreensão primordial da realidade é a base fundante de toda apreensão ulterior. Zubiri a coloca, portanto, em nível fundante das apreensões ulteriores, quer seja no nível do logos ou da razão.

A beleza é despojada de excessos e revestida de simplicidade. Assim deve ser a liturgia, como diz Cassigena-Trévedy: “a liturgia é bela na medida em que, no despojamento completo, na renúncia total ao supérfluo, deixa aparecer os gestos fundamentais de Cristo e, de maneira ainda mais radical, deixa aparecer o Gesto em pessoa, o Gesto de Deus para nós, que o Cristo mesmo”.<sup>69</sup>

Assim a liturgia é o lugar da beleza. “Por isso a liturgia prima pela qualidade e não pela quantidade [...]. A ação litúrgica condensa a profundidade do silêncio e a densidade da solenidade, dispensando o excesso de palavra e gestos porque o movimento que a conduz é centrípeto e não centrífugo, centrado e não dispersivo. Liturgia não tolera exagero”.<sup>70</sup>

## 7. A ordem

A segunda nota que deve aparecer em toda realidade litúrgica é a ordem. “Teologicamente, a ordem na liturgia significa a retomada da ordem que Deus imprimiu na Criação e que o pecado desfigurou”.<sup>71</sup> E ainda mais, representa a nova Ordem que o Mistério Pascal imprimiu na nova Criação, agora como obra que tem a participação medidora de Cristo. Já foi dito que é a ordem do movimento centrípeto. Pode

---

<sup>69</sup> CASSIGENA-TRÉVEDY, François. *La bellezza de la liturgia*. Salamanca: Sigueme, 2008, p. 24.

<sup>70</sup> COSTA, Valeriano Santos. *Noções teológicas de liturgia*. São Paulo: Ave-Maria: 2012, p. 18.

<sup>71</sup> *Ibidem*, p. 22.

ser um movimento mais intenso que o centrífugo, mas a direção é aquela que passa pelo corpo rumo ao âmago do ser. Implica concentração e silêncio para o Shemá Israel. Por isso a liturgia é estruturada com certo rigor, para evitar a desordem, que perturba os sentidos e colocam o corpo na dispersão.

No processo da inteligência senciente, a ordem é fundamental, porque diante de coisas e acontecimentos desordenados, só resta a confusão dos sentidos e da intelecção. Só pelo fato de ser ritual, a liturgia carece de ordem, porque rito é naturalmente ordenado.

Nesse sentido o cerimonial é um elemento importante, embora não essencial, mas suporte para que o rito aconteça com a dignidade necessária.

## 8. O amor

O amor de que aqui se fala como nota fundamental da liturgia tem como termo técnico a palavra *agape*, usada no Novo Testamento para designar o amor de Deus enquanto essência das relações intratrinitárias e enquanto doação divina para humanizar as relações horizontais. “É a doação, a *agape* que nos leva a Deus e aos outros homens”.<sup>72</sup> A liturgia é em si mesma um derramamento do amor de Deus, como afirma Paulo em um texto que pode ser tranquilamente utilizado no sentido batismal: “o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5,5). *Agape* reflete um sentimento e uma intelecção que têm o outro como objeto do amor, ao modo da relação intratrinitária em que o Pai é a fonte do amor, o Filho é o objeto do Amor – o Amado<sup>73</sup> –, e o Espírito o próprio amor.<sup>74</sup>

<sup>72</sup> ZUBIRI, Xavier. *Natureza, história, Deus*. São Paulo: É realizações. 2010, p.468.

<sup>73</sup> Amado é o termo com que Ef 1,6 trata o Filho. Pode-se dizer, inclusive, termo técnico, o que se encaixa tranquilamente em nossa teologia das relações trinitárias.

<sup>74</sup> Sobre isto ler: COSTA, Valeriano Santos. *O amor de Deus: Teologia da redenção*. São Paulo: Palavra e Prece. 2012.

Zubiri afirma que agape é uma efusão em que o amante nada quer senão compartilhar sua própria superabundância em forma de doação: “Se o amante sai de si, não é para buscar algo, mas por efusão de sua própria superabundância”.<sup>75</sup> Isso acontece porque

a agape é o amor pessoal em que o amante não busca nada, senão que, ao afirmar-se em sua própria realidade substantiva, a pessoa não se inclina por natureza, mas se dá por liberalidade [.....] A caridade, como virtude moral, nos move porque já estamos previamente instalados na situação metafísica do amor.<sup>76</sup>

O amor não um fenômeno da vontade, mas uma realidade anterior em que se funda a vontade de amar, enquanto virtude moral. Então o celebrante da fé tem de estar imbuído de amor divino para que a liturgia tenha aquela nota que gera a impressão de realidade que atrai enquanto realidade primordial e remete ao logos, e este à razão. Significa que o fiel é levado a afirmar o quanto a liturgia é bela. Certamente sai sedento pelo impulso da razão de conhecer em profundidade a realidade pura e simples que o plasmou como nova criatura.

## 9. O êxtase

A quarta e última nota que a liturgia autêntica não pode deixar de dar é o êxtase. O belo, o ordenado e o amoroso conduzem ao maravilhamento que chamamos de êxtase. Significa por etimologia que a pessoa foi tirada de si e lançada para fora até atingir o mundo da pura e simples realidade. O êxtase representa uma atividade operante muito acima das atividades comuns. O êxtase nos leva à linha da perfeição, pois, como diz Zubiri, “quanto mais perfeito é algo, mas profunda e fecunda é sua atividade operante”.<sup>77</sup> Por isso “o ser de Deus, em sua

<sup>75</sup> ZUBIRI, Xavier. *Natureza, história, Deus*. São Paulo: É realizações. 2010, p. 468.

<sup>76</sup> *Ibidem*, p. 457.

<sup>77</sup> ZUBIRI, Xavier. *Natureza, história, Deus*, 459.

íntima realidade, é um amor efusivo”,<sup>78</sup> que atinge a profundidade da perfeição. Poderíamos dizer que Deus em si é êxtase, porque o ser divino é perfeito êxtase. A liturgia nos tira de nós mesmos e nos remete à contemplação, outra maneira de se abordar o êxtase.

É neste sentido que a Assembleia Plenária dos Bispos afirmou que “contemplada com espírito sincero, a beleza fala diretamente ao coração, eleva interiormente do espanto ao maravilhamento, da admiração à gravidade, da felicidade à contemplação”.<sup>79</sup> É uma bela forma de descrever o caminho do êxtase. Liturgia por sua própria natureza não cansa, justamente porque está entre as atividades de cunho extático.

## Considerações finais

A aproximação entre “inteligência senciente”, de Zubiri, e liturgia nos pareceu uma intuição de longo alcance para oferecermos argumentos sólidos para uma hermenêutica consistente da reforma liturgia promovida pelo Concílio Vaticano II. É inegável que a reforma litúrgica ocorreu sob forte influência do iluminismo, que chegou até nossa época. Daí então toda uma suspeita do sentimento e uma tendência à interpretação de que conhecer racionalmente por meio de explicações fosse a forma privilegiada de participação na celebração litúrgica. O pensamento de Zubiri ajuda a compreender a liturgia como apreensão de realidade, que deve ser munida das notas da beleza, da ordem do amor e do êxtase. A explicação está contemplada na apreensão de realidade na modalidade da razão, pois “o inteligir, por sua própria índole estrutural, tem necessariamente de marchar, ou melhor, já está marchando, já esta sendo razão pela estrutura mesma da impressão de realidade dada em apreensão primordial e

---

<sup>78</sup> Ibidem, p. 455.

<sup>79</sup> Vide nota 66.

em logos”.<sup>80</sup> Isto significa que a ação litúrgica se dá como realidade apreendida por meio do belo, do ordenado, do amoroso e do extático e, ao mesmo tempo, se abre ao campo de realidade entre tantas coisas apreendidas, fazendo-nos suspirar afirmações tais como: que coisa bonita! Significa ainda que entre tantas coisas apreendidas, a liturgia se destaca pela sua beleza. Então se trata de uma autêntica liturgia, que, em sua apreensão primordial de realidade e em logos nos coloca em atividade pensante, essa marcha mensurante em busca daquele conhecimento profundo que constitui a pura e simples realidade da liturgia. Não somos nós que decidimos a pensar na liturgia, pois “o pensamento, poder-se-ia dizer, procede das coisas reais pelo ‘ter de pensar’ que estas nos dão”.<sup>81</sup> Portanto é a liturgia em sua realidade mesma que nos faz pensar. Então é a liturgia que nos ativa a pensar. Segundo Zubiri, pensar significa etimologicamente “pesar”.<sup>82</sup> No pensar “pesa-se, sopesa-se a realidade”.<sup>83</sup> Por isso as razões são “de peso”, isto é, são “intelecção em profundidade”.<sup>84</sup>

Esperamos que este artigo ajudasse a perceber, por meio da interdisciplinaridade entre “inteligência senciente”, que navega no mar da filosofia, e liturgia, que a participação litúrgica conta com a razão, enquanto apreensão senciente de realidade, para uma boa compreensão da reforma litúrgica. Mas a razão só terá sentido quando a apreensão primordial nos colocar na realidade litúrgica, que nos retém e nos remete ao logos e à razão.

Foi a ousadia da pesquisa interdisciplinar que no levou a escrever este artigo, na esperança de que pesquisa continue a ser aprofundada no campo fértil da inteligência senciente, que ao nosso ver reformula o

---

<sup>80</sup> ZUBIRI. Xavier, *Inteligência de razão*, p. 5.

<sup>81</sup> *Ibidem* p, 24.

<sup>82</sup> Cf. *ibidem*, p. 28.

<sup>83</sup> *Ibidem*.

<sup>84</sup> *Ibidem*, p. 29.

pensamento humano e corrige uma terrível distorção que se agravou mais no mundo ocidental.

## Bibliografia

- ASSEMBLEIA PLENÁRIA DOS BISPOS. *Via pulchritudinis* – o caminho da beleza: caminho privilegiado de evangelização e de diálogo. São Paulo: Loyola, 2006.
- CAPONIGRI, A. Robert. A propósito de sobre a essência: o realismo de Xavier Zubiri. SECRETAN, Philibert (org.). *Introdução ao pensamento de Zubiri (1898-1983)*: Por uma filosofia da realidade. São Paulo: É realizações, 2014, p. 47-64.
- CASSIGENA-TRÉVEDY, François. *La bellezza de la liturgia*. Salamanca: Sigueme, 2008.
- COSTA, Valeriano Santos. *Noções teológicas de liturgia*. São Paulo: Ave Maria, 2012.
- COSTA, Valeriano Santos. *O amor de Deus*: Teologia da redenção. São Paulo: Palavra e Prece. 2012.
- ELLACURIA, Ignacio. Uma abordagem da filosofia de Zubiri. SECRETAN, Philibert (org.). *Introdução ao pensamento de Zubiri (1898-1983)*: Por uma filosofia da realidade. São Paulo: É realizações, 2014, p. 33-45.
- FERRAZ FAYOS, Antônio. A trilogia sobre a inteligência. SECRETAN, Philibert (org.). *Introdução ao pensamento de Zubiri (1898-1983)*: Por uma filosofia da realidade. São Paulo: É realizações. 2014, 65-76.
- GRACIA, Diego. Zubiri (1898-1983). SECRETAN, Philibert (org.). *Introdução ao pensamento de Zubiri (1898-1983)*: Por uma filosofia da realidade. São Paulo: É realizações, 2014, p. 15-32.
- NAVONE, John. *Em busca de uma teologia da beleza*. São Paulo: Paulus. 1999.
- PASTRO, Claudio. *O Deus da beleza*: a educação por meio da beleza. São Paulo: Paulinas, 2008.
- PAULO VI. Exortação apostólica a alegria cristã. *Tutti i principali documenti (Latino-italiano)*. Vaticano: Libreria Editrice. 2002, p. 1585-1633.

PINTOR-RAMOS, Antonio. Uma filosofia da religião cristã. Philibert (org.). *Introdução ao pensamento de Zubiri (1898-1983: Por uma filosofia da realidade*. São Paulo: É realizações. 2014, 77-108.

TEIXEIRA, João Antônio Pinheiro. *A finitude do infinito: o itinerário teológico do homem em Xavier Zubiri*. Lisboa: Universidade Católica, 2007.

TEJADA, José Fernández. Prefácio. ZUBIRI, Xavier. *Inteligência e logos*. São Paulo: É Realizações, 2011, IX-XIX.

ZUBIRI, Xavier. *Inteligência e logos*. São Paulo: É Realizações, 2011.

ZUBIRI, Xavier. *Inteligência e razão*. São Paulo: É realizações, 2011

ZUBIRI, Xavier. *Inteligência e realidade*. São Paulo: É Realizações, 2011.

ZUBIRI, Xavier. *Natureza, história, Deus*. São Paulo: É realizações. 2010.

Recebido em: 19/05/2017

Aprovado em: 10/10/2017